

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: Suiá 03

Data: 19/05/87 Pg.: _____

190

Em disco, a arte vocal dos Suiás

Tocando banjo, um americano conquista índios do Xingu e grava sua música

FLAVIO MOREIRA DA COSTA

De uma família de músicos (Pete Seeger, um dos mestres de Bob Dylan, é seu tio), e formado em Antropologia pelas universidades de Harvard e de Chicago, Anthony Seeger conseguiu conquistar a simpatia e a confiança dos índios suiás — no Parque Nacional do Xingu — tocando banjo, o instrumento mais típico da música norte-americana. Autor do livro "Nós e os índios" (Editora Campus), Seeger lançou, recentemente, o disco "Música indígena/ A arte vocal dos suiás" — cujos artistas e co-produtores são os próprios suiás —, com as gravações que fez entre eles, em 16 meses de convívio, ao longo de maio de dez anos. O disco, independente — só pode ser adquirido por reembolso postal ou no Conservatório Nacional de Música e no Museu Nacional (Quinta da Boa Vista), em que Seeger dirige o Departamento de Antropologia e o programa de pós-graduação.



Pintado como os índios, Anthony Seeger dança com eles

C

omo foi sua aproximação com os índios?

— Sou músico. Toco banjo e violão. Sou de uma família de músicos. Nasci em Nova York e tenho uma casa nas montanhas de Vermont. Estava interessado em estudar o lugar da música na sociedade. Fui estudar Antropologia, em parte por isso. Cheguei no Brasil em 1970 — já conhecia o antropólogo Roberto da Matta —, para estudar os costumes e a cosmologia dos suiás. Eu e minha mulher — que também canta e toca — fomos para o Xingu. Lá, eles não nos levavam muito a sério, no princípio, nos tratavam como crianças, porque não podíamos andar direito sem perceber os formigueiros, nem víamos os peixes den-

tro d'água, como eles viam, nem os bichos no mato. Mas eles gostaram da nossa música e começou a integração: nós fomos aprendendo a música deles, e eles a nossa. Aprendi muito cantando as músicas dos suiás, porque eles me corrigiam à medida que eu errava. Através dos erros e da música, foi possível estabelecer um diálogo maior.

— Qual foi a reação deles, frente a um instrumento como o banjo?

— Gostaram principalmente da nossa maneira — minha e da minha mulher — de cantar em harmonia, com duas vozes. Nós morávamos numa oca com uns 36 índios, e eu deixava o banjo lá, solto. Eles experimentaram e viram que era difícil, deixaram de lado. Mas aprenderam com muita dedicação as canções que cantávamos. Estavam acostumados a

aprender canções de outros grupos indígenas — cantavam sem conhecer a letra. Aconteceu o mesmo com a nossa música: cantavam como se fosse em inglês, sem se preocupar com o sentido das palavras. A música dos suiás é basicamente vocal — eles só têm um chocalho como instrumento. Prestavam então muita atenção na maneira de colocar a voz, no ritmo.

— Quanto tempo durou essa sua experiência com eles?

— Passamos 15 meses com os suiás, de 1970 a 1973. Depois, voltei para os EUA, publiquei minha tese sobre "Organização social e cosmologia dos suiás" — que saiu nos Estados Unidos com o título de "Nature and society in Central Brazil" — e recebi convite do Museu Nacional. Em 1975, vim para cá e, em 1976, voltei à

aideia dos suiás. Nessa ocasião, eles me disseram: nossa música é muito bonita, por que você não faz um disco conosco? Eles tinham idéia de disco porque, no posto indígena, havia um toca-discos. Gravei então mais material e só conseguimos fazer o disco agora. Mas foi o cassete que realmente modificou a vida local dos índios. Gravam suas próprias festas e levam para as outras aldeias escutar.

— E nunca mais voltou lá?

— Voltei no ano passado, com as nossas duas filhas — uma de cinco e a outra de dois anos. Elas adoraram, só estranharam a comida. Desta vez, também, eles voltaram a falar no disco. Quando surgiu a oportunidade com a gravadora independente Tacape, levei o projeto adiante. E uma co-produção com eles, porque são eles os artistas e os verdadeiros produtores da música. Um índio suyá, Uetagu, esteve recentemente em São Paulo para se tratar, num hospital. Curado, ele me telefonou e disse que eu tinha visto como moravam e queria ver como eu morava. Ai eu o convidei para passar o carnaval no Rio, na minha casa. Mostrei-lhe então o material do disco, e ele aprovou. Do carnaval, ficou espantado com o tamanho dos "cocares" que viu no desfile das escolas de samba.

— Para os nossos ouvidos, a música dos índios é difícil, monótona. Por quê?

— Todas as canções deles são feitas e cantadas para quem consegue aprender o canto da natureza, das abelhas e dos peixes, por exemplo. Andam pelo mato aprendendo esses sons. Estão sempre introduzindo novas canções na comunidade. Têm canções que só cantam na época da seca e outras só na época da chuva. Têm as canções de doenças e de parto. E, geralmente, fazem música para animais, a música tem o nome do animal e alguma ação que acontece com eles. Por exemplo, há muitos tipos de ratos, e há uma música sobre o "Rato vermelho". A letra diz: "Eu pulo/ eu danço/ eu canto/ o canto do rato". Mas a música deles é diferente da nossa, porque lá todos os homens cantam. As mulheres são só ouvintes, a platéia. Só recentemente aprenderam, com os índios do Alto Xingu, uma canção — mas só uma — que é para elas.

— Por que essa separação?

— A maneira de os homens se expressarem é verbal. Têm um disco de madeira na boca e isso — eles dizem — associa-se ao falar, ao cantar e também à agressividade. Já as mu-

heres — que usam batoques nos ouvidos — têm como função escutar, prestar atenção. E assim que se transmite a moral do grupo: ela ouve, entende. Por isso, eles dizem que as crianças, antes de furarem as orelhas, nada podem entender. De manhã cedo, ao meio-dia e à noite, os jovens cantam diariamente, até a época de se casarem.

— Qual o significado desse disco?

— Foi muito bom fazer esse disco, porque é parte da nossa convivência com eles. Em Antropologia, não estudamos objetos, mas pessoas, e nos-

'A música indígena é ligada ao grupo e ao cotidiano'

so relacionamento com eles foi muito musical. Não existia nenhum disco de música indígena — havia um, do Alto Xingu, que está esgotado, e outros, no exterior. Nossa idéia é mostrar a variedade de um grupo indígena em relação à música. Cantos de cura, individuais, trechos de mitos, cantos de parto, cantos coletivos... Mostrar a riqueza da música indígena, que é importante para eles não só pelo passado da tribo, mas também em relação ao futuro. E porque eles gostam muito de sua música e queriam mostrar o que a sociedade deles tem de bonita. Os índios são uma sociedade que canta muito. A música, para eles, assume uma importância maior do que para a nossa sociedade, em que ela é lazer. Lá, é ligada à pessoa ao grupo, à organização, ao cotidiano. Aconteceu, nesse sentido, um episódio engraçado, quando eu cheguei lá pela primeira vez. Fomos gravar uma peça deles, perto do posto indígena. Eles nos pediram que voltássemos no dia seguinte, porque havia um gerador que incomodava. (Nós nem percebíamos.) Então, voltei e eles me pediram para cantar. Estavam pintados, suados. E, de repente, de uma maloca, saiu um índio pintado, de óculos escuros e com um gravador — e gravou o que fazíamos. Não só gravou como, depois, levou as fitas para as outras aldeias, para mostrar a nossa música. E isso foi bem antes do Mário Juruna e seu famoso gravador.